



A PESQUISA EM EDUCAÇÃO: REFLEXÃO SÓCIO-HISTÓRICO-CULTURAL

Alexandre Gama Xavier

Legale Educacional (Brasil)

Endereço eletrônico: alexandreadv17@gmail.com

Thaís Jussara de O. Guedes Isidro

Universidade Federal de Pernambuco – UFPB (Brasil)

Endereço eletrônico: thais.ufpb@hotmail.com

467

INTRODUÇÃO

Este estudo tem o intuito de refletir, em linhas gerais, a perspectiva da abordagem Sócio-histórico-cultural no âmbito das Ciências Humanas, mais precisamente na Pesquisa em Educação, fazendo um contraponto com a Nova História Cultural. Focaliza-se o pensamento de Vygotsky e Bakhtin, que trazem em sua base a compreensão do sujeito como um “ser sócio histórico, ativo, transformador, criador de significações, construído nas relações sociais via linguagem”, e a visão de conhecimento como sendo “historicamente construído” (Freitas, 1994).

Nessa concepção, a preocupação que justifica este estudo é encontrar meios de refletir o indivíduo como unidade de mente, corpo e social, ser cognitivo, biológico e ser social, parte da espécie humana e participante do processo histórico. A partir da perspectiva sócio-histórico-cultural é possível visualizar a indissociabilidade entre o pensar, o falar, o sentir, o fazer, o olhar e o criar, uma vez que no processo de investigação o sujeito submetido a um procedimento de pesquisa apresenta-se e manifesta-se a partir da complexidade das experiências vivenciadas, das impressões que essas vivências deixaram e das representações exteriorizadas no presente.

Afirmando que os fenômenos particulares não existem por si mesmos, nem afastados da dimensão espaço-temporal e de suas causas, asseveramos que produzir conhecimento a partir de uma pesquisa é assumir a ótica da aprendizagem como processo social compartilhado e gerador de desenvolvimento.

1. Pesquisa Educacional: área de investigação?

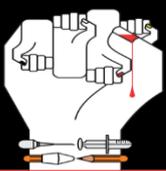
A expansão da pesquisa educacional como área de investigação é algo relativamente novo no Brasil. Segundo Gatti(2002) e Soares (2003) *apud* Freitas (2007), as investigações acerca da educação brasileira se desenvolveram somente a partir da

Realização:



Apoio:



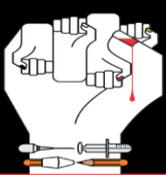


criação do INEP (Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos) no final dos anos 30, com poucas iniciativas, sendo até então quase inexistentes nas universidades. Com a criação da Pós-Graduação *stricto sensu* nos anos 60 é que de fato a pesquisa em educação se consolidou como uma área específica e ganhou visibilidade. Pautou-se inicialmente no referencial positivista, já consolidado no meio acadêmico pelas ciências exatas e naturais, tendo como fim da investigação “a explicação, o controle, a predição, a formulação de leis gerais e considerando a realidade como objetiva e apreensível, entende a relação do sujeito conhecedor com o objeto de pesquisa como neutra, independente de valores” (FREITAS, 2007).

Não obstante, com a abertura política no início da década de 80, os pesquisadores das ciências sociais passaram a refletir de forma diferente, ocasionando crises paradigmáticas resultantes das insatisfações com o referencial positivista e outros padrões explicativos predominantes na pesquisa educacional como, por exemplo, as perspectivas interpretativistas – *tem como finalidade a compreensão e a interpretação subjetiva* - e a perspectiva crítica – *pautada na compreensão, interação e transformação do meio*. Como resultado das novas inquietações e questionamentos, tiveram início na USP e UNICAMP os estudos e aplicação da teoria sócio-histórica como sendo referencial crítico, centrado na importância da interação entre os sujeitos (dialogicidade), da historicidade e dos processos coletivos. Segundo Freitas (2002),

A perspectiva sócio-histórica baseia-se na tentativa de superar os reducionismos das concepções empiristas e idealistas. (...) Enfatiza a compreensão dos fenômenos a partir de seu acontecer histórico no qual o particular é considerado uma instância da totalidade social. A pesquisa é vista como uma relação entre sujeitos, portanto dialógica, na qual o pesquisador é uma parte integrante do processo investigativo. Essas ideias têm implicações nas características processuais e éticas do fazer pesquisa em Ciências Humanas que se refletem na relação pesquisador-pesquisado, nos próprios instrumentos utilizados e na análise de dados.

Fundamentados no materialismo histórico dialético, os trabalhos de Vygotsky e Bakhtin trouxeram em sua base a compreensão do sujeito como um “ser sócio histórico, ativo, transformador, criador de significações, construído nas relações sociais via linguagem”, e a visão de conhecimento como sendo “historicamente construído” (Freitas, 1994). Nesta concepção, a preocupação é encontrar meios de refletir o indivíduo como um ser integrado, onde o biológico e o ser social se complementam e participam do processo histórico.



Segundo Bakhtin (2003), as ciências humanas não devem utilizar-se dos mesmos métodos das ciências exatas por terem objetos distintos. Enquanto nas ciências exatas o pesquisador se encontra diante de um objeto mudo/silencioso, que precisa ser observado e conhecido, nas ciências humanas seu objeto de estudo é o homem, um “ser expressivo e falante”. Assim sendo, pesquisador e pesquisado são sujeitos em uma interação que se estabelece numa relação dialógica. De acordo com Bakhtin (1985),

As ciências exatas representam uma forma monológica do conhecimento: o intelecto contempla a coisa e se expressa sobre ela. Aqui somente existe um sujeito, o cognoscitivo (contemplativo) e falante (enunciador). O que se lhe opõe é tão-somente uma coisa sem voz. Qualquer objeto do conhecimento (inclusive o homem) pode ser percebido e compreendido como coisa. Porém um sujeito como tal não pode ser percebido nem estudado como coisa, uma vez que sendo sujeito não pode permanecer sem voz; portanto seu conhecimento só pode ter caráter dialógico. (Bakhtin, 1985, p.383 *apud* Freitas, 2002.)

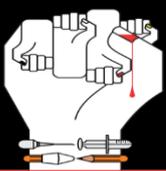
469

Para Bakhtin, não há meios de se chegar ao sujeito, sua vida, seu trabalho, sua luta, sua história, senão por meio dos textos sógnicos que cria. “*Onde não há texto, também não há objeto de estudo e pensamento*”. (Bakhtin, 1992 *apud* Freitas, 2002). Vygotsky (1991) também corrobora com este pensamento quando assume que “o papel do pesquisador consiste em construir um conhecimento que desvele a realidade a partir dos textos que emergem nas interlocuções das situações da pesquisa”.

Ao criticarem os paradigmas hegemônicos que “coisificam” o sujeito, refletindo as ciências humanas para além do pensamento objetivo positivista, interpretativo e crítico, Vygotsky e Bakhtin realizam uma ruptura epistemológica e se dispõem a cogitar a pesquisa nas ciências sociais como uma forma de compreender a própria condição do homem enquanto unidade singular concebida na vivência participativa que se concretiza no encontro com o outro.

2. Pressupostos da abordagem sócio-histórico-cultural na pesquisa em História da Educação

Trabalhando com a metodologia da História, na perspectiva da Nova História Cultural, na pesquisa de mestrado, evidenciou-se nos textos lidos a afinidade com o referencial sócio-histórico-cultural por representar um caminho expressivo para produzir conhecimento nas ciências humanas considerando o sujeito, o mundo social e a linguagem enquanto signo e significante, ou seja, uma proposta de entendimento da historicidade do homem.



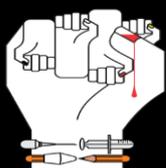
Encontramos nas obras de Vygotsky e Bakhtin *apud* Freitas pressupostos além dos limites do subjetivismo abstrato e do objetivismo reducionista e mecanicista, observando que ao asseverar a integração entre singular e coletivo, entre subjetivo e objetivo, entre biológico e histórico, entre cognitivo e afetivo, entre o social e cultural, a abordagem sócio-histórica não elimina as diferenças e as especificidades de cada um.

À medida que compreende que o “eu” é estabelecido na interação social possibilitada pela linguagem e assume o caráter histórico-cultural do sujeito e do próprio conhecimento, a abordagem sócio-histórico-cultural possibilita novas formas de produzir conhecimento no campo das Ciências Humanas. A partir desse enfoque é possível visualizar a indissociabilidade entre o pensar, o falar, o sentir, o fazer, o olhar e o inventar, uma vez que no processo de investigação o sujeito submetido a um procedimento de pesquisa apresenta-se e manifesta-se na complexidade das experiências vividas. Como afirma Freitas (2003),

Na perspectiva sócio-histórica o sujeito, apesar de singular, é sempre social e a compreensão se dá na inter-relação pesquisador/pesquisado. Esse movimento interlocutivo é um acontecimento constituído pelos textos criados, pelos enunciados trocados. Os sentidos construídos emergem dessa relação que se dá numa situação específica e que se configura como uma esfera social de circulação de discursos.

Asseverando que os fenômenos particulares não existem por si mesmos e nem afastados da dimensão espaço-temporal e de suas causas, Vygotsky (1991) acrescenta que é a experiência que constitui o sujeito. Uma experiência “necessariamente vinculada ao desenvolvimento histórico da humanidade e efetivamente determinada pelas condições de vida do sujeito”. Assim sendo, não se pode isolar o momento da ação de sua história, nem isolar o sujeito das suas relações sociais, assim como não se pode realizar a separação entre os aspectos intelectuais e os aspectos afetivos. Busca-se a historicidade do sujeito nas suas relações intersubjetivas e nas suas práticas sociais. Por conseguinte, os procedimentos metodológicos se constituem parte integrante do processo de produção do conhecimento.

Produzir conhecimento a partir de uma pesquisa é assumir a perspectiva da aprendizagem como processo social compartilhado e gerador de desenvolvimento. Pelo prisma da abordagem sócio histórico-cultural podemos dizer que a historicidade e a singularidade são vistas como mutuamente constitutivas no sujeito. Partindo desse pressuposto, concebemos a pesquisa como uma atividade humana mediada socialmente, ou seja, como uma prática social, política, ética e estética que propende à criação de um



novo conhecimento que sugere fundamentalmente a transformação de algo, quer seja dos sujeitos envolvidos direta e indiretamente, quer seja dos objetos de estudo pesquisados.

REFERÊNCIAS

FREITAS, M. T. A. A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 116, p. 20-39, jul. 2002.

_____. A perspectiva sócio-histórica: uma visão humana da construção do conhecimento. In: FREITAS, M. T. A.; JOBIM E SOUZA, S.; KRAMER, S. (Org.). *Ciências humanas e pesquisa*. Leituras de Mikhail Bakhtin. São Paulo: Cortez, 2003. p. 57-76.

_____. A pesquisa na perspectiva sócio-histórica: um diálogo entre paradigmas. In: 26ª Reunião Anual da Anped, 2003, Poços de Caldas. 26ª Reunião Anual da Anped. Novo Governo. Novas Políticas? : CD-ROM, 2003, v. 1.

_____. A Pesquisa em educação: questões e desafios. Disponível em: http://intranet.ufsj.edu.br/rep_sysweb/File/vertentes/Vertentes_29/maria_teresa_freitas.pdf Acesso em 03/06/2016.

FRIGOTTO, G. *O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional*. In: ENCONTRO REGIONAL DE PESQUISA SUDESTE, 1987, Vitória.

MATEUS, E. Por uma abordagem sócio-histórico-cultural da aprendizagem do professor. In: MACHADO, L.T. et. al. (Orgs.). *Aspectos da Linguagem: considerações teórico-práticas*. Londrina: EDUEL, 2006, p. 95-113.